

A MEMÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL ENTRE A VELA E A CADEIRA DE BALANÇO: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DO SOBRADO A PARTIR DA SOBREPOSIÇÃO DOS PERFIS BIBIANA/ MARIA VALÉRIA.

Clarissa Loureiro ¹

Período de recebimento dos textos: 01/02/2014 a 30/03/2014.

Data de aceite: 30/04/2014.

Resumo: Este trabalho se propõe a estabelecer um estudo da saga *O tempo e o vento*, observando a construção dos perfis das personagens Maria Valéria e Bibiana a partir da relação com seus objetos (a vela e a cadeira de balanço) e com o Sobrado, com o sentido de casa defendido por Gaston Bachelard que proporciona ser o espaço poético do Rio Grande do Sul. A intenção é se demonstrar como estas personagens na velhice se tornam as portadoras de uma memória viva da família Terra Cambará enquanto representação do povo gaúcho. Assim, este trabalho se baseia num estudo de memória em oposição à história que leva em consideração a visão de Maurice Halbwachs de que uma memória individual se constrói na memória coletiva e a perpetua. Analisam-se as personagens Maria Valéria e Bibiana como memórias individuais que se tornam representativas da memória coletiva gaúcha pela sua capacidade de na velhice ser a voz persistente em manter o Sobrado vivo como *locus* de cruzamento do passado com o presente.

Palavras Chaves: memória, saga, gênero, símbolo

Abstract: This paper proposes to establish a saga The study of weather and wind , watching the construction of the profiles of the characters Valerie and Maria Bibiana from the relationship with their objects (candle and rocking chair) and the Two stories , with the sense of house defended by Gaston Bachelard be providing the poetic space of Rio Grande do Sul the intention is to demonstrate how these characters in old age become the bearers of a living family memory Cambará Earth as a representation of the gaucho . This work is based on a study of memory as opposed to the story that takes into account the view of Maurice Halbwachs that an individual memory is constructed and perpetuated in the collective memory . We analyze the characters Valerie and Maria Bibiana as individual memories that become representative of the state's collective memory in old age their ability to be persistent voice in keeping alive Two stories as a locus of intersection of the past with the present.

Keywords: memory, saga, genre, symbol

¹ Professora Doutora Clarissa Loureiro da Universidade de Pernambuco (UPE)

É comum nas epopeias a constituição de heróis, cuja força se sustenta na espera de suas mulheres cuja existência é incompleta, preenchendo-se com a presença de seus maridos, filhos e pais. Assim, acontece com as portuguesas em *Os Lusíadas*, chorando no cais pela partida de seus *paters* em busca de novas terras e aventuras e, de modo mais incisivo, na constituição de Penélope à espera de Ulisses, em *A Odisséia*, a tecer uma tela inacabável que se torna um objeto de representação de sua função na família de esposa e mãe e, na sociedade patriarcal, de mulher dedicada ao lar e ao universo privado. A saga *O tempo e o vento* reinventa esta relação de representação identitária mulher/objeto associada a uma “espera”, própria ao gênero épico. Mas não repete a fragilidade destas mulheres, dando um novo enfoque à condição feminina na história do Rio Grande do Sul que abandona uma postura passiva e ganha voz ativa em personagens femininas matriarcais. Este trabalho se deterá na análise dos perfis de Ana Valéria e Bibiana, observando como ambas se tornam as base de sustentação e perpetuação do Sobrado, de modo a se fundirem a ele, a partir da sua representação identitária ligada a objetos que o compõem e o caracterizam não só como o lar da família Terra Cambará, mas, sobretudo, como espaço simbólico de memória coletiva do Rio Grande do Sul.

O Sobrado, então, deixa de ser um espaço geográfico na obra para estabelecer uma cartografia poética do desenvolvimento existencial dos integrantes da família Terra Cambará a partir de suas relações íntimas com seus espaços e objetos. Assim, torna-se a expressão da casa defendida por Gaston Bachelard (1978, p.203) como *locus* de “integração de pensamentos, lembranças e sonhos do homem”. É o primeiro lugar no mundo de cada um e ponto de convergência de todos. Por isso, personagem protagonista da saga, sendo sempre citado com letra maiúscula e nomeando capítulos dos volumes de *O Continente*. A importância deste trabalho é observar como no Sobrado acontece a relação tempo e espaço, segundo a perspectiva de Maurice

Halbwachs (1978) de que o tempo oferece o sentido de mudança e o espaço de permanência e de estabilidade, ou seja, de como as gerações se substituem sem se superar numa casa que guarda as vozes do passado-presente dentro dela, transmitindo-as entre personagens através de objetos como representações de memória. Deste modo, a ênfase deste artigo é na relação entre objetos e personagens, caracterizando-os como objetos mistos ou objetos-sujeitos que são órgãos da vida psicológica das personagens, fornecendo na vida íntima de cada uma um modelo de personalidade (BACHELARD,1978). Esta relação sujeito-objeto será analisada pela associação Bibiana Terra/cadeira de balanço e Maria Valéria/vela. A sobreposição de perfis destas personagens se dá em planos da narrativa diferenciados. O primeiro, e mais evidente, foca a relação de ambas com o espaço físico Sobrado em que Bibiana é o símbolo da origem e Valéria da perpetuação. O segundo, e mais sutil, é o esforço de ambas pela continuação da família, mantendo-a íntima do Sobrado.

Desta forma, a análise deste trabalho se foca na sobreposição do perfil Bibiana/ Ana Valéria sem abandonar as suas particularidades na casa associadas à suas ligações com os objetos. Daí ser dividida em três tópicos: *A memória e a história como fatores de constituição do enredo de O tempo e o vento, Maria Valéria: a vela do Sobrado entre-gerações e entre- espaços e Bibiana: a cadeira de balanço a ninar gerações*. Os três tópicos convergem em discutir as fronteiras permeáveis entre a ação da família e a das circunstâncias históricas, criando uma oposição “fora” e “dentro” do Sobrado.

A memória e a história como fatores de constituição identitária em “O Tempo e o Vento”.

A memória e a história são fatores internos recriados esteticamente na estruturação de *O tempo e o vento*, distanciando-se e complementando-se. O texto se estrutura por múltiplas vozes que dialogam para falar sobre o Rio Grande do Sul segundo perspectivas diferenciadas: a do olhar impessoal sobre

os fatos e a da vivência subjetiva deles. E ambos se relacionam para a construção da identidade dos Terra Cambará como representação simbólica da família.

A impessoalidade da narrativa é vivenciada pelo olhar do narrador onisciente sobre os fatos que se coloca acima do Sobrado e das personagens para melhor vê-las, desenvolvendo a ação segundo um tempo cronológico que acompanha o envelhecer, o nascer, o viver e o morrer das personagens, bem como a sucessão de fatos relevantes ocorridos na trajetória de construção do Rio Grande do Sul. É por esta ótica que a história é reconstruída na narrativa no sentido defendido por Maurice Halbwachs (1990, pp.82-83) de esquema de fatos organizados sequencialmente, por um olhar objetivo que coloca divisões de datas na enumeração dos acontecimentos, dividindo-os de maneira didática e esquemática, de modo a transformar cada “período em um todo, independente em grande parte daquele que o precede”. Assim, o narrador onisciente realiza uma reconstrução da história a partir do distanciamento, da problematização, da crítica, e da reflexão sobre os fatos (NORA, 1993, p.09) recriados no enredo como fatores internos de composição da narrativa. As circunstâncias históricas que protagonizam os sete volumes da saga são aqueles associados à recriação das situações de guerra que marcaram a construção identitária do Rio Grande do Sul.

Os volumes *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago* se interligam por estabelecerem um diálogo entre as histórias das guerras no Rio Grande do Sul e o desenvolvimento da família Terra Cambará, vivendo-as em suas histórias particulares. E nesta interação, o narrador onisciente cria uma linha temporal bélica linear e ininterrupta: Invasões castelheanas (1770), Tomada das missões (1801), Revolução Farroupilha (1835), Guerra do Paraguai (década de quarenta), Revolução Federalista (1890) e Revolução Legalista (1920). De modo que é dada ao leitor a capacidade de construir uma sequência de

acontecimentos dentro de um tempo generalizado, podendo fazer uma pesquisa histórica de fatos bélicos que corroboraram para a constituição de uma identidade gaúcha. Todavia esta reconstrução histórica é traída pelos efeitos desta mesma guerra nos personagens, fazendo com que a história seja cruzada pela memória, à proporção que surgem, ao longo da narração dessas batalhas, interpretações subjetivas mais pautadas numa vivência do que numa reflexão objetiva sobre as circunstâncias. É neste ponto que a relação história/memória serve à constituição identitária dos personagens e do povo gaúcho.

Tanto a memória e a história são subsídios ideológicos para a construção identitária das personagens que estão permanentemente inacabadas, por vir, necessitando serem preenchidas por vozes exteriores com as quais se identifiquem. Nesta busca de si através da relação com o outro, a constituição identitária predominante no romance é a sociológica, formada na interação entre o eu e a sociedade, ou seja, através do “diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2000, p.11). Por isso, predomina na narrativa a relevância da identificação dos personagens com uma identidade cultural que se caracteriza por ser um *ethos* associado a um grupo sócio-histórico que fornece ao sujeito a sensação de pertencimento a um espaço-tempo cultural (WOODWARD, 2000), num processo de trocas no qual o sujeito projeta-se nessas identidades culturais e internaliza seus valores, tornando-os parte de si e alinhando seus sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupam num mundo social e cultural (HALL, 2000). Daí, a importância da memória na constituição identitária, pois a “redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade, uma vez que é por meio dos seus antecedentes históricos que as identidades também se estabelecem” (WOODWARD, 2000, p.12). É o que acontece na composição identitária das personagens da saga *O tempo e o vento*.

Na obra, há uma troca de valores entre as gerações dos Terra Cambará. Cada personagem parece ser construído pelo diálogo mantido com seus ancestrais e parentes mais próximos, numa metáfora da relação dos gaúchos com o Rio Grande do Sul. É a partir deste intercâmbio de experiências que é realizada a perpetuação de valores de um *ethos* rio-grandense. Assim, as identidades são construídas pelo diálogo com o outro, que já carrega as vozes culturais de onde nasceu e começou a formar a sua identidade a partir das relações com uma identidade anterior, numa corrente ininterrupta estabelecida pelo fio condutor do parentesco, e, sobretudo, de crenças, hábitos e erros que persistem num ciclo transformado apenas pelo tempo.

Desta forma, a família Terra Cambará é uma identidade cultural que costura parentes e agregados o a uma estrutura comum, estabilizando “tantos os sujeitos como os mundos culturais que eles habitam, tomando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2000, p.11). E a linha que os une é a memória, história viva e vivida, permanente no tempo e renovada por conta do diálogo entre indivíduos no grupo que a vivenciam numa relação ininterrupta entre passado e presente (HALBWACHS, 1990). Assim, em *O tempo e o vento*, a memória é um celeiro de inesgotável de possibilidades e de lembranças, representações-vivências do passado dos personagens, renovando-se no espaço de suas vidas. Por isso, não é estática, mas multiplicada por estar conectada ao rearranjo permanente de suas emoções, sendo um “fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p.09). Cada Terra Cambará é uma memória individual (HALBWACHS, 1990) que possui uma relação afetiva com a família, sendo um ponto de convergência de diferentes influências sociais e uma forma particular de articulá-las. Já a família se materializa como uma memória coletiva do Rio Grande do Sul na figura do Sobrado, acervo de lembranças compartilhadas, ou seja, um espaço onde um grupo organiza e localiza lembranças em quadros sociais (HALBWACHS, 1990). E entre as

memórias individuais do enredo as mais expressivas de uma tradição familiar são as representadas pelas personagens idosas femininas.

Bibiana e Maria Valéria são as personagens que mais se destacam porque quanto mais envelhecem, mais se tornam memórias fortificadas pelo tempo, vivendo o que Eclea Bosi (1979, p.18) define como um “lutar para continuar sendo homem” mas com uma proporção bem maior. As personagens não lutam apenas para que sua humanidade permaneça, mas a do Sobrado, representado como um cadinho de vozes de seus ancestrais e, depois, descendentes. E é nessa condição que fogem aos estereótipos de fragilidade associados à mulher e ao velho. São mulheres desbravadoras que amadurecem e envelhecem com a sobriedade de sua condição “Terra” onde a árvore da família deve crescer e se sustentar no Sobrado. Daí serem matriarcas por fazerem o Sobrado manter-se como centro aglutinador de vozes através da função social da viúva (Bibiana) e da tia (Maria Valéria) que se fundem no papel de “guardiãs da memória” no sentido de quem lembra e aconselha, sendo portadoras de uma sabedoria, respeitada pela vivência de domadoras do tempo (BOSI, 1979), por vivê-lo, aprendê-lo e assimilá-lo de acordo com suas interpretações diretamente associadas à perpetuação da memória coletiva dos Terra Cambará.

Desta forma, a relação de Bibiana e de Maria Valéria com o Sobrado e com outras personagens é de “intercambiar experiências”, à proporção que assumem a condição de narradoras orais de suas vivências para gerações mais novas, estabelecendo uma comunicação entre passado e presente numa interação face a face (BENJAMIM, 2000), que as coloca numa condição de suas memórias individuais diretamente ligadas à memória coletiva da família e do Rio Grande do Sul. Os próximos tópicos se dedicarão a observar como a relação destas personagens com objetos do Sobrado cristaliza não só a suas funções de construção e perpetuação de uma família, mas de partes “vivas”

(em vivência) do Sobrado como representação espacial poética do Rio Grande do Sul.

Maria Valéria: a vela do Sobrado entre-gerações e entre- espaços

Se se analisa a representação da vela na significação humana, ao longo da história, percebe-se que ela tem sentidos semelhantes em culturas aparentemente distantes. No cristianismo, é o símbolo da luz que abre caminhos para o reino de Deus, como é evidenciado na fala de Jesus, ao estimular os discípulos a desbravarem novos caminhos pregando o discurso cristão: "Vós sois a luz do mundo" (MATEUS: 5,14). Já na cultura grega, a vela é substituída pela tocha que acompanha Proserpina, conduzindo Ulisses pelos caminhos do submundo em direção ao hades e é associada à Hécate, quando recebe a denominação de "aquela que traz a luz" entre mundos. Neste sentido, a luz ganha uma conotação feminina e identifica-se ainda mais com a importância da ligação Maria Valéria/vela na perpetuação do Sobrado.

No capítulo Sobrado I de *O Continente*, Maria Valéria está numa situação entre-lugar no sentido simbólico e espacial. A personagem vaga com uma vela em mãos entre cômodos, sem se estabelecer em nenhum. E em sua caminhada, ilumina a casa e cuida dos personagens. Na sala, centro social do Sobrado, ilumina os feridos na batalha federalista; na cozinha, ao fundo, acalma um aliado de guerra ferido mortalmente; nos quartos, dedica-se à família, ajudando no parto fracassado de Alice, dando conforto aos delírios de Bibiana e fazendo dormir os meninos Toríbio e Rodrigo. Deste modo, identifica-se com "aquela traz a luz" com novos sentidos. É uma mulher que tem uma dupla função na casa: realiza a sua organização física iluminando (observando) cada lugar e fornece conforto aos seus integrantes, transformando-a num abrigo emocional, como exprime em pensamento: "o que me mantém de pé é ajudar essa gente e ainda um sentimento de dever que me vem principalmente do hábito. D. Bibiana tinha razão, as mulheres do Rio

Grande do Sul são direitas e cumprem suas obrigações por puro cacoete, o cacoete hereditário” (VERÍSSIMO, 2004, p.60) O devaneio de Maria Valéria exprime uma tradição identificada com uma visão identitária feminina gaúcha. Antes cuidou Bibiana, agora cuida Ana Valéria num sobreposição de deveres, ações, perfis. Assim, o cuidado de Ana Valéria está associado ao seu vagar com uma vela que alcança a condição de objeto misto (BACHELARD, 1978) na sua constituição identitária.

A função de guardiã da vela (luz) se prorroga entre-gerações. E já na velhice a personagem ainda cuida dos familiares com a vela em mãos, circulando pela casa para observar a organização dos seus cômodos, velando Rodrigo Cambará já em fase terminal ou entrando na consciência de Floriano Cambará para renegar seu desejo de possuir sua cunhada Silvia em *O Arquipélago*. Todavia, a circunstância mais importante se dá no desfecho de *O Retrato*, quando a personagem ascende uma vela no jardim para o Negrinho de Pastoreio e encerra o segundo volume, respondendo à inquirição do sobrinho: “É pra a gente achar o que perdeu” (VERÍSSIMO, 2004, p.350), confirmando, portanto, a sua conotação simbólica de mensageira que ilumina os caminhos. Nesta circunstância, Ana Valéria deseja retomar os valores esquecidos pelos Terra Cambará, com o abandono do Sobrado para viverem no Rio de Janeiro, absorvendo a sua cosmovisão. A vela acesa no jardim é o modo de iluminar o olhar da família sobre suas próprias origens. Neste sentido, torna-se a guardiã também da memória coletiva do Sobrado, papel declarado na fala de Floriano, ao tentar analisar os perfis da família: “ela é a vestal do Sobrado, que mantém acesa a chama sagrada de sua vela [...] É uma espécie de farol acima de um rochedo, batido pelo vento e pelo tempo [...] Uma espécie de consciência viva de todos nós” (VERÍSSIMO, 2004, p.41). A denominação da personagem de “sacerdotisa virgem” exprime a sua função na casa de fonte aglutinadora do passado no presente, fazendo da luz da vela também a iluminação da chama de

uma tradição que persiste em resistir, apesar da ação do tempo, substituindo gerações e fatos, e do vento, agindo sobre o espaço, enquanto personificação da mudança ou mensageiro de presságios de morte. Esta ideia clarifica-se quando a personagem se torna a voz da superstição na saga:

Não presta varrer a casa de noite porque os antigos diziam que isso pode causar a morte da pessoa mais velha da família. Vestir roupas às avessas pode virar a sorte dum vivente. Quando via uma criança a caminhar de costas, Maria Valéria gritava:
- não caminhe assim, se não teu pai morre.
[...]
Havia segundo Maria Valéria, outros “ não prestas” que atraíam desgraças: abrir guarda-chuva dentro de casa; fechar as portas logo depois que alguém da família sair de viagem, deixar chapéu encima da cama (VERÍSSIMO, 2004, p.15).

A relevância destas superstições é que elas representam uma sabedoria popular personificada pela personagem. Ela repete credices populares que estão na constituição da identidade de um povo para “aconselhar” os sobrinhos, na qualidade de narradora oral de experiências vivenciadas pelos antigos. E, assim, se torna uma voz catalizadora de uma memória do povo transmitida entre gerações como uma verdade, independente de uma explicação racional. A importância de seus comentários está em ser a o discurso da vivência que acontece espontaneamente. É neste sentido que a personagem se torna a propagadora de uma tradição que se exprime numa troca de experiências dentro do Sobrado, lugar onde as vozes circulam entre tempos sem se esvaír, mas se recriando. Todavia, existe um traço de memória na fala da personagem referente ao universo feminino que compõe um ciclo iniciado com Ana Terra e, depois, perpetuado por Bibiana e Ana Valéria. Este traço refere-se à interpretação da personagem sobre a relação feminino/masculino na guerra:

Os homens não têm juízo, vivem nessas folias de guerra. Que é que vai fazer se não ter paciência, esperar, cuidar da casa, dos filhos... Os homens dependem de nós. Como dizia a velha Bibiana, quem decide a guerra, não são eles, somos nós. Um dia eles

voltam e tudo vai depender do que eles encontrarem. Nós também estamos nessa guerra (VERÍSSIMO, 2004, p.300)

A fala da personagem denuncia uma reorganização das funções masculino/ feminino na guerra sem derrubar os seus papéis dentro de um universo patriarcal. As mulheres ainda se dedicam ao universo da casa, cuidando da família e ainda esperando seus *paters* e os homens ainda repetem o prazer de servirem a uma tradição bélica pelo prazer da luta, tal qual os heróis épicos (STAIGER, 1977). Todavia, há um dado novo e sutil. Não é uma espera nula e frágil, mas necessária para que a guerra resulte bem. E é esta nova postura que redefine papéis na narrativa. A incompletude não está na mulher, mas no homem que dela precisa para que a força da família se prorrogue através da perpetuação da fortaleza do Sobrado. Estabelece-se, então, uma inversão de papéis sem a destruição de um sistema: a fragilidade de quem volta ao lar e a força de quem recebe. E nisso, há a representação da força feminina construídas na solidão e no silêncio, como parte de tradição transmitida entre mulheres ainda expressa na fala de Maria Valéria:

No tempo do Paraguai muita vez rezei pela vida dos meus. Mas antes de mim a velha pelos seus familiares que estavam na Guerra dos Farrapos e em outras. E antes dela, a velha Ana Terra pela vida de seus homens que brigaram com os castelheanos em muitas campanhas (VERÍSSIMO, 2004, p 312).

O trecho exprime um ciclo de solidão repetido em momentos diferenciados da história das guerras no Rio Grande do Sul. A oração é a voz que une mulheres com comportamentos parecidos, mas histórias particulares diferenciadas. O que distingue a velha Ana Valéria das outras é o silêncio da frustração existencial. Se Bibiana e Ana Terra aprenderam a ser altivas na solidão da viuvez, a personagem vive a situação de tia solteira num entre-lugar existencial sem função social valorizada na família. Isto é melhor expresso no pensamento de Licurgo, ao refletir sobre uma crítica da cunhada à guerra como espaço de destruição da família: “que é que uma solteirona entende de ter

filhos?” (VERÍSSIMO, 2004, p.32). Por conta desta situação, a personagem carregará a amargura da mulher que se sabe “árvore infértil”. Esta frustração existencial se exprime melhor enquanto sobe as escadas do Sobrado, no capítulo de abertura da saga, segurando uma vela e, ao ouvir o som de gaita vindo da rua, lembra-se que é São João, mas dentro dela é outra festa junina que se desenvolve:

Na mente de Maria Valéria está acesa uma grande fogueira, crianças saltam por cima dela [...]. ‘Vamos tirar a sorte, Maria Valéria?’. Ela sobe as escadas devagarinho, uma das mãos segurando o castiçal, a outra agarrada ao corrimão. Tirar a sorte? Bobagem. Pra quê? Para ver com quem vais casar. Atira a casca de laranja para trás...Assim. Vamos ver a letra que formou. Um L. Ah, eu bem desconfiava. Que nome começa com a letra L? Licurgo...Ah, se eu pudesse fazer parar o pensamento! L. Licurgo...Mas Licurgo vai casar com a irmã dela, a Alice? Claro. Mas a Maria Valéria também gosta dele. Licurgo escolheu a outra. Coisas da vida...Sorte é bobagem. Licurgo. Sorte é bobagem. Alice casou. Maria Valéria vai ficar solteirona o resto da vida. L..Licurgo (VERÍSSIMO, 2004, p. 38)

A escada é o *locus* de cruzamento de tempos e espaços que exprime o olhar da personagem sobre a sua história existencial. É, portanto, um espaço de transição. Se se analisa a casa segundo a perspectiva vertical de Bachelard (1978) de que o polo inferior é o dos medos e da escuridão da alma (representado pelo porão) e o superior dos desvarios, dos sonhos (encontrado no sótão), conclui-se que a escada está no entre-lugar, posição da personagem na casa e na sociedade de mulher que não teve um casamento com o homem amado, mas simbolicamente se uniu a ele para cuidar de sua família. E é nesta sua condição espacial de transição que a vela dá uma nova conotação à Maria Valéria de guardiã de si mesma, iluminando o caminho da casa e a sua trajetória existencial. E o passado presentifica-se, fundindo a sua memória individual à coletiva do povo gaúcho.

A zona de contato entre a subjetivação da personagem e a do gaúcho é a conotação da festa pagã do São João brasileiro. O significado sagrado da

fogueira de anunciação de João é esvaziado pelo sentido profano do fogo na festa. Segundo Peter Burke (1995) a visão profana do São João está associada à adaptação das festas de Solstício de verão na Europa pela igreja medieval às festas juninas em que temas pagãos foram revisitados. A fogueira passa a significar regeneração e fertilidade que nas festas juninas brasileiras associam-se ao desejo feminino sexual e ao casamento. Este dado pagão é reinventado por Maria Valéria como parte de sua memória ligada ao seu contexto histórico. A simpatia de laranja é um modo de a mulher exprimir o seu desejo de definição social através do casamento no qual a mulher casada torna-se uma mulher completa, realizada. E a simpatia junina antecipa esta felicidade de caber dentro do sistema patriarcal que foi moldada.

A lembrança dessa não-realização antecipada na festa junina é a profecia do destino trágico da personagem. Na citação, as vozes se misturam, assim como os tempos. São as vozes das outras crianças, na memória individual, concluindo que a letra cabia no futuro da irmã, e, por outro lado, é a própria fala interior contraditória da personagem entre a aceitação da solidão com naturalidade e a certeza de que aquela brincadeira de criança foi uma voz oracular de uma tragédia da solidão por conta do eterno amor não correspondido pelo cunhado. Portanto, no fragmento citado há o desvendamento da psique da personagem (seus anseios, passados frustrados, sua amargura de um presente fadado a não-realização afetiva) e, em contrapartida, a sua realização como mais uma voz do Sobrado cuja história particular só ganha força quando falada por ele e nele, sendo também mais uma expressão da mulher gaúcha que atravessa o Império e chega à República, como a guardiã da vela enraizada em valores populares que são presentificados por sua memória.

Bibiana: a cadeira de balanço a ninar gerações

A cadeira de balanço é um objeto de uma casa que, ao longo da história, teve predominantemente funções femininas dentro dos modelos patriarcais. O seu ranger ou balançar esteve, ao longo de séculos, associado ao ninar de filhos e netos por mães e avós carinhosas. Todavia, Florestan Fernandes (1957) é ainda mais incisivo ao afirmar que o ninar de uma cadeira de balanço tem uma conotação muito mais complexa do que a transmissão de afeto, associando-o a um cuidar ligado à formação da personalidade de quem é acalentado, numa relação de dependência de quem recebe para quem se dá. É isso que acontece na relação existente entre Bibiana, cadeira de Balanço e Sobrado.

Bibiana é a primeira matriarca que estabelece a junção Terra/Cambará no Sobrado, buscando torná-lo o espaço representativo da identidade familiar. Assim, a função de Bibiana é transformá-lo no espaço poético da casa, associado à visão de ninho enquanto *locus* de intimidade, aconchego e refúgio (BACHELARD, 1978). A personagem se dedica inicialmente a tomar o Sobrado, através do casamento de seu filho Bolivar com Luzia. O que se apresenta é a obsessão da personagem pelo Sobrado que se humaniza dentro dela no trecho abaixo:

Ela estava era sentindo o Sobrado. Não, Ela estava era sentindo o seu chão.

A casa de seu pai ficava naquele mesmo lugar onde ficava o Sobrado. Faz de conta que esta é a nossa varanda. Ali, está a parede empanada, que vovó dizia que estava grávida. Ali, a mesa, com as cadeiras, lá naquele canto, a talha. Papai está sentado na cadeira de balanço. Eu até vejo a fumaça de cigarrão dele. A mamãe está fazendo croché perto da mesa. Eu estou aqui e o capitão Rodrigo que chegou há pouco (VERRÍSSIMO, 2004, p.67).

No trecho, há uma sobreposição de espaços e, sobretudo, de tempos. Bibiana olha o presente no Sobrado e rememora nele cômodos e hábitos de sua

antiga casa existentes antes e embaixo dele. E é partir da identificação destes lugares que decide cruzá-los, transformando o Sobrado no canto do mundo dos Terra Cambará. Neste sentido, deixa de ser apenas uma memória individual para se tornar a memória coletiva da família, ao transformar o Sobrado no lugar onde viveu entretanto não sendo mais o mesmo. Faz isso, inicialmente, caracterizando-o com objetos e ações (histórias) que vão ocupando seus quartos e sala ou se tornando instrumentos particulares de personalidades da família.

À medida que Bibiana vai “tomando” o Sobrado, vai fazendo a voz dos Terra Cambará se exprimir nos objetos familiares que deixam de ser meros adereços para se tornarem partes integrantes da personalidade da casa. É o caso da funcionalidade da roca no quarto de Bolívar no trecho: “caminhou até um canto do quarto, ficou junto da velha roca e sua mão distraída começou a fazer a roda girar. Era um canto sombrio”. A roca representa a voz da tradição que fala em um contexto histórico de outra geração. É um dos primeiros objetos particulares da família Terra existente antes do Sobrado que tem a função mítica de Penélope de fiar e esperar, transmitida entre gerações, como se evidencia no comportamento de Ana Terra, quando espera Pedro da guerra: “quando se punha a fiar, pedalar a roca, se punha a falar consigo mesma por longo tempo” (VERÍSSIMO, 2004, p.180). E, depois, no pensamento de Bibiana: “pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres é fiar, esperar e chorar” (VERÍSSIMO, 2004, p.305). Do mesmo modo ocorre com a tesoura que atravessa épocas sendo usada para cortar o cordão umbilical do parto de Pedro Terra, de Bibiana e de Alice, tornando-se mais um objeto misto de preservação identitária da família dentro do Sobrado. Contudo, entre estes objetos identitários do Sobrado, dá-se uma maior relevância à cadeira de balanço que na velhice de Bibiana passa a ser a sua voz se exprimindo pelos

cômodos do Sobrado, enquanto está sendo cercado pelos federalistas, como é evidenciado nas falas das crianças Toríbio e Rodrigo e na do narrador.

- Estás ouvindo um barulho?
 - Estou?
 - Que será?
 - Bobalhão! É a cadeira de balanço de vó Bibiana
 - Será mesmo?
 - É sim. Dorme!
- O ruído continua, surdo, regular, como se fosse o próprio coração do Sobrado.

Esta circunstância apresenta-se nas últimas páginas do capítulo *Sobrado I*. A conversa das crianças exprime a relevância da cadeira de balanço na casa que, mesmo quando todos silenciam, continua a regê-la de cima, lhe dando vida. Assim, a cadeira de Balanço torna-se o som da respiração do Sobrado, sendo avaliada de modo semelhante pelo narrador que compara seus sons aos das batidas do coração de um lar humanizado. É, portanto, mais do que um objeto misto. É uma parte viva do lugar que com ele interage, dizendo-se presente. A cadeira de Balanço e Bibiana se confundem tanto que o objeto ganha humanidade enquanto o envelhecimento enfraquece a personagem, notado na primeira descrição de Bibiana, pouco depois da apresentação da cadeira:

Sozinha no seu quarto, sentada na sua cadeira, e enrolada no seu xale, a velha Bibiana espera, O quarto está escuro, mas para ela nestes últimos anos sempre é noite, pois a catarata já lhe tomou conta dos olhos. Ela mal enxerga o vulto das pessoas, mas ouve tudo, sabe de tudo, conhece as gentes da casa pela voz, pelo andar, pelo cheiro. Quando ouviu o primeiro tiroteio, ficou nesta mesma cadeira, esperando e escutando [...] Medo não sentiu. Teve dó. E ódio. Estragarem o Sobrado desse jeito! Mas guerra para ela não é novidade. Tudo isso aconteceu antes, muitas, muitas vezes (VERÍSSIMO, 2004, p.40).

Descreve-se o estado físico da personagem em decadência em oposição a uma psique viva para trazer à tona a condição da velhice postulada por Eclea Bosi (1978) como estado de luta constante do indivíduo para

preservar a sua humanidade através da sua capacidade de ser uma memória viva de um passado que fortalece um presente. A Bibiana anciã existe para ser aquela que sabe de tudo do Sobrado e, por saber, mantém-se viva para mantê-lo também vivo. A sua condição de mulher que espera por seus homens é silenciada na velhice por aquela que precisa sobreviver para fazer o Sobrado continuar existindo pós-guerras entre gerações. É, portanto, uma mulher que se encontra numa posição dúbia. Vive a fragilidade da velhice que precisa ser cuidada e, ao mesmo tempo, a sobriedade e sabedoria da mãe anciã que fez do Sobrado um filho que cresceu por suas mãos, tendo seus descendentes como partes vivas dele. Daí, também a ambiguidade da cadeira de balanço que é um aconchego para se ninar a idosa e o trono da matriarca que de cima nina a todos. Esta postura ambígua se exprime abaixo:

No quarto Bibiana termina de comer a papa que Laurinda lhe trouxe.

- Então nasceu morta- perguntou a velha- Essa foi feliz...

- Não diga isso, dona.

- Ué, porque não hei de dizer?

- A coitadinha.

- morreu em boa hora. Essa não tem de trabalhar, sofrer, casar, criar filhos e ficar esperando quando eles vão à guerra. Primeiro, precisam da gente, mamam nos nossos peitos, mijam no nosso colo. Depois crescem, se casam e tratam a gente como caco velho.

Laurinda tira o prato das mãos. D. Bibiana cruza os braços sob o xale e começa a se balançar na cadeira.

- O capitão Rodrigo ia gostar de ver a cara da bisneta

A cena demonstra a situação ambígua de Bibiana na família. É uma idosa consciente de sua fragilidade que aparece sendo cuidada por uma criada. Mas, ao mesmo tempo, possui a postura sóbria e severa de uma matriarca cuja sabedoria está em sua vivência de saber que a vida da mulher numa sociedade patriarcal gaúcha é de propriedade privada do homem cuja relevância só existe quando tem um valor de uso. Apesar do pessimismo, o seu compromisso com a perpetuação da família se mostra maior, com a insistência do ranger da cadeira de balanço e a vontade de que a neta fosse vista pelo marido morto. Estes dois

exemplos exprimem o seu caráter de símbolo da sobrevivência do Sobrado, apesar das dores de seus integrantes. O que comprova o lema de uma tradição patriarcal de que a família deve persistir apesar do sofrimento da maioria. Esta ideia fica ainda mais clara quando se apresenta a primeira sobreposição de perfis Bibina/Maria Valéria no pensamento de Maria Valéria sobre o ranger da cadeira de balanço como a voz da tradição dentro da casa:

Do quarto vizinho vêm agora as batidas da cadeira de balanço de D. Bibiana. A velha já começou a funcionar- pensa Maria Valéria. E fica a escutar o bam-bam cadenciado e surdo que lhe parece uma voz. É como se Bibina Terra Cambará estivesse procurando lhe dizer alguma coisa. E Maria Valéria sem saber claramente como nem o porquê, enche-se aos poucos dum ânimo novo, ao mesmo tempo, que diz para si mesma: se ela com noventa anos, pode aguentar tudo isso, eu também posso. E atira um olhar de desafio para a mulher cadavérica. (VERÍSSIMO, 2004, p.177).

Neste fragmento do *Sobrado V*, observa-se uma projeção de papéis no olhar de Maria Valéria sobre o espelho. O que se mostra não é apenas o reflexo de uma mulher envelhecida, mas uma expressão que desafia o tempo, como símbolo de ação sobre o corpo, o espaço e a família. Em sua reflexão, existe a certeza de que ela repetirá a função de Bibiana de se fazer base emocional sólida do Sobrado como espaço poético de estabilidade dos Terra Cambará. O feminino, então, ressignifica-se, assim como o próprio envelhecimento. Existe uma força que se constrói na persistência da repetição do balançar da cadeira que é a memória viva de atos, gestos, costumes, ou seja, é a maior expressão de quem insisti em lutar em se manter vivo pela necessidade de passar para outras gerações a sua existência diretamente comprometida com a dos seus ancestrais que antes lhe transmitiram um pouco de quem você é.

Neste sentido, o ranger da cadeira de balanço é a própria da voz da tradição que, no momento do cerco dos federalistas, Bibiana esforça-se para não se calar. É uma voz que percorre todos os cômodos da casa nos capítulos *Sobrado I*, *Sobrado II*, *Sobrado III*, *Sobrado IV*, *Sobrado V* e *Sobrado VI* dos

dois volumes de *O Continente*, humanizando o Sobrado e tornando-o protagonista da obra. E fica ainda mais evidente no capítulo *Sobrado IV*, quando há um perturbador silêncio na casa e, em seus vários lugares, é a voz cadeira que se sobressai.

Na sala:

Continuam ruídos compassados da cadeira de balanço. De quando se estala uma viga da casa. Um dos homens começa a descascar uma laranja: o cheiro acre do sumo de casca enche o ar” (VERÍSSIMO, 2004, p 375).

No quarto dos meninos:

Há uma pausa em que só se ouve o assobio do minuano, as vidraças tremendo o bam-bam da cadeira de balanço de d. Bibiana (VERÍSSIMO, 2004, p.378).

E na sua alcova:

Maria Valéria fica escutando o vento e a batidas cadenciadas da cadeira de balanço de d. Bibiana” (VERÍSSIMO, 2004, p.381).

São situações diferenciadas, mas a função da cadeira de balanço é a mesma: a persistência pela resistência do Sobrado à guerra com os federalistas e, sobretudo, com o diálogo com as mudanças produzidas pelo tempo que entra metaforicamente dentro do Sobrado através do vento. Isto é sutilmente apresentado na narrativa quando nos quartos as duas vozes parecem conversar: a da sobrevivência da tradição no ranger da cadeira e a das alterações do tempo materializado no vento, entrando pela casa e trazendo notícias de morte na célebre frase antes dita por Ana Terra, ouvida e repetida por Bibiana e por Ana Valéria: “noite de vento, noite dos mortos”. A morte não se restringe ao falecer doloroso de uma pessoa em uma família. Alcança uma significação simbólica bem mais intensa. É uma necessidade para que a vida se refaça, renove-se, sem necessariamente se acabar. Os Terra Cambará são uma família que se realiza pelo nascimento, desenvolvimento e transformação de gerações

em outras em ciclos que se precisam. A morte, então, é mais uma ferramenta de transformação para a continuação, do mesmo modo que o vento que toca as partes do Sobrado, trazendo as mensagens e informações do mundo de fora com as suas alterações. Daí, o volume *O Continente* terminar da seguinte maneira:

O vento uiva, fazendo matraquear as vidraças. Bibiana Terra Cambará sorri, leva o indicador aos lábios, como a pedir silêncio e estende a mão na direção da janela, sussurra:
- Está ouvindo...

A cena de encerramento de *O Continente* fecha o ciclo de cerco da família Terra Cambará pelos magaratos na Revolução Federalista. A reação de Bibiana confirma o vento como o mensageiro da mudança, que renova a tradição da qual ela é voz. Sobreviver às mudanças, sem ser tragado por elas, é saber observá-las como quem ouve o vento. É necessário ouvir para depois contar. Por isso, Bibiana e a sua cadeira de balanços serão as guardiãs da memória. Preservam o passado como uma vivência que merece ser ouvida e respeitada como o barulho de uma cadeira de balanço ninando-se e a todos, sem ignorar as presentificação das circunstâncias. Maria Valéria, depois, a substituirá, na condição daquela que ilumina o passado com sua vela, assimilando a mesma função de matriarca de quem guarda e perpetua a memória no presente. Por isso, há uma sobreposição de perfis: as mulheres se repetem não sendo as mesmas. Os objetos são diferentes e os tempos, mas as vontades se fundem: fazer com que suas vozes femininas na velhice alimentem a vivacidade do Sobrado, proporcionando que novas gerações revivam as mais antigas, com a naturalidade da perpetuação da memória da família Terra Cambará e, logo, dos costumes gaúchos.

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOSI, E. **Memória de velhos.** São Paulo, T.A. QUEIROZ, 1979.
- BACHELARD, Gaston. **Os pensadores: O novo espírito científico; A poética do espaço;** seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos São Paulo: abril cultural, 1978.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e Técnica, arte e política.** São Paulo: ed. Brasiliense, 2000.
- BURKE, P. **Cultura popular na idade moderna.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FERNANDES, Florestan. Contribuição aos estudos sociológicos das cantigas de ninar, REVISTA BRASILIENSE, São Paulo, n.16, p.50-76, 1958.
- HALBWACHS, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.
- HALL, STUART. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DPYA, 2000.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História.** São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais de poética.** Rio de Janeiro, 1977.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis. Vozes, 2000.
- VERÍSSIMO, Erico. **O tempo e o vento: tomo I: O Continente.** 3 edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.
- _____. **O tempo e o vento: tomo II: O Continente.** 3 edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.
- _____. **O tempo e o vento: tomo II: O Retrato.** 3 edição. São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____ **O tempo e o vento: tomo I: O Arquipélago.** 3
edição.São Paulo. Companhia das letras, 2004.

_____ **O tempo e o vento: tomo II: O Arquipélago.** 3
edição.São Paulo. Companhia das letras, 2004.